

1

Introdução

Comecei a trabalhar como professora em 1983. De lá para cá, fui percebendo muitas mudanças na educação e em meus diversos contextos de trabalho. Mudaram os alunos, mudou o que se entende por ensino, mudaram as famílias e as escolas. Também passei por diversas funções docentes: professora “regente”, orientadora educacional, supervisora pedagógica, coordenadora, professora de ensino universitário. Meu olhar em relação à escola foi se alterando, o foco se ampliando, o que me fez valorizar ainda mais alguns colegas. Falo de professores que conheço e conheci, os quais conseguiram algo admirável: terem passado por tantas mudanças sociais e culturais na profissão, sem perderem seu entusiasmo e o sentimento de que podem fazer diferença, professores que enfrentam todos os problemas que aparecem, sem caírem num saudosismo paralisante ou num cinismo desgastante. Professores que sabem do seu valor, que não abrem mão daquilo que escolheram fazer: ensinar, formar as novas gerações. Em geral, professores que fazem um “bom trabalho” (CUNHA, 1995), respeitosos com alunos e colegas, abertos ao novo, mas críticos. Foram e são um “porto seguro”, tendo me servido como fonte de inspiração quando o desânimo aparecia e renovado minha esperança.

Quando entrei no Mestrado, meu olhar para o campo da profissão, saberes e identidade docente passou por outra mudança. Foi libertador descobrir que algumas de minhas angústias não eram só minhas, elas eram objeto de estudo e sobre elas se escrevia em vários países. Ler sobre a formação continuada dos professores, os saberes da prática me auxiliava já em minha prática. As leituras sobre as mudanças sociais e da escola também contribuíram para que eu pudesse compreender questões que vivenciava no meu cotidiano de trabalho, uma vez que as sociedades contemporâneas exigem uma mudança no perfil dos professores, acarretando uma sobrecarga de trabalho e dúvidas sobre sua qualificação e competência (ESTEVE, 1999).

Não coincidentemente, tive como orientadora acadêmica a professora Menga Lüdke. A orientação acadêmica é uma modalidade interessante do

Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Como não há exigência de projeto prévio para o ingresso no Mestrado, os alunos têm à disposição um orientador para o início do curso. Ele tira dúvidas sobre o funcionamento do programa, ouve as idéias do mestrando, reflete com ele sobre quem seria um possível orientador de pesquisa. No meu caso, minha orientadora, a professora Menga Lüdke, logo “adotou” minha idéia, entusiasmando-se com ela, e foi graças a seu entusiasmo e suas competentes orientações que se deu a transformação de uma constatação de senso comum e de minha prática em um objeto de pesquisa. Ingressar no grupo de pesquisa por ela coordenado, o GEProf também me auxiliou nesse percurso. Embora este trabalho não seja um “braço direto” da atual pesquisa do grupo, encontra-se impregnado de suas discussões teóricas, de suas descobertas, recentes e antigas, sobre a profissão docente. Participar da pesquisa do grupo, da elaboração do roteiro e da realização das entrevistas e de suas análises, contribuiu para minha formação como pesquisadora e para a superação do que teria sido um infundável exercício solitário e individual – o momento em que os alunos de Mestrado terminam as disciplinas e iniciam sua pesquisa. Foram vários os momentos em que trocamos ideias sobre as pesquisas do grupo e as de cada um dos membros. O grupo nutria-se, assim, de todas as leituras e revisões feitas por seus membros. Esta pesquisa passou pelas mãos de vários de meus colegas do GEProf, aos quais sou muito grata. Além disso, a professora Menga sempre nos oferecia outro privilégio: o de podermos conversar e trocar informações com professores de outras instituições, convidados para a banca de colegas do grupo ou para palestras. Não é necessário ressaltar o quanto isso contribuiu para cada um de nós.

Assim, esta pesquisa teve por início uma inquietação que era vivenciada por mim, em minha prática como orientadora. Percebia, intuitivamente, a mudança social e dos alunos e suas famílias e as mudanças quanto às demandas em relação à função dos professores. De fato, a literatura deixa claro que o enfraquecimento de instituições, como a Igreja e a Família, que contribuía para a socialização dos jovens, para a formação de projetos de vida (TEDESCO e TENTI FANFANI, 2004), e a universalização da escola de ensino fundamental, fez com que professores e escolas recebessem jovens com características e demandas diferenciadas. Simultaneamente, uma visão salvífica e redentora da educação, como aquela capaz de elevar os níveis de desenvolvimento e as exigências de

melhoria de “qualificação da mão-de-obra”, estimula programas de avaliação do trabalho docente e da proficiência dos alunos. É interessante, como bem sinaliza Esteve (2005), que, ao mesmo tempo em que se deposita uma enorme responsabilidade nos docentes, a sociedade demonstra desconfiança em relação à competência desses profissionais. Como resultado de uma sobrecarga de trabalho, de exigências sociais contraditórias quanto ao que se espera do professor, de falta de recursos e estrutura adequada, entre outros, muitos professores vêm abandonando a profissão, pedindo aposentadoria precocemente (UNESCO, 2004; LAPO e BUENO, 2003, CNTE, 2003). Outros ficam na profissão, mas sofrendo de mal-estar, da Síndrome de *Burnout*, entre outras questões e situações que ameaçam a saúde física e emocional dos professores (FERENHOF e FERENHOF, 2002; OLIVEIRA, 2005; PEREIRA, 2004).

Entretanto, mesmo dentro de um quadro com tantos problemas e desafios, sei de docentes que, em fase já final de carreira, não desistiram e continuam em sala de aula, exercendo seu ofício, ainda que talvez não tenham sido “preparados” por sua formação inicial para dar conta de tantas mudanças e exigências. Muitos vêm conseguindo progredir em sua tarefa, sem perder o entusiasmo, o interesse, a curiosidade em relação aos jovens, o desejo de continuar aprendendo para poder ensinar cada vez melhor. Há docentes que, já aposentados, continuam trabalhando e se percebendo como realizados em sua atividade. Assim sendo, comecei a me perguntar se esse perfil de professor poderia se tornar um objeto de pesquisa. Além dos professores circunscritos ao meu raio de conhecimento profissional direto, haveria outros e outras com esse perfil? Como e por que conseguiram se manter atuando com prazer, entusiasmo, com um “eu integrado”, após tanto tempo de docência e em meio a tantas mudanças? Esta pesquisa pretende, portanto, a partir da visão de professores já antigos na carreira, descobrir “como” e “o que” contribuiu para que chegassem a suas etapas de trajetória profissional demonstrando entusiasmo e satisfação com sua tarefa, e comprometimento em relação à mesma.

Com a ajuda de informantes privilegiados, selecionei dez professores que atendessem aos seguintes critérios: encontrarem-se entusiasmados em seu trabalho e atentos ao aprendizado dos alunos, terem 30 anos ou mais de experiência docente, encontrando-se ainda em regência de turmas e atuando no segundo ciclo

do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, preferencialmente de escolas públicas. Esses dez professores não apenas me acolheram, concedendo-me uma parcela preciosa de seu tempo, como também foram generosos, partilhando comigo suas histórias e opiniões. Muitos me cederam ou mostraram materiais produzidos por eles e por seus alunos. Leram as transcrições dos depoimentos e deram-me um retorno por e-mail. Estimularam-me não apenas em relação à dissertação, mas também à minha carreira. De uma certa forma, influenciaram no rumo dessa pesquisa, ao sugerirem colegas a serem entrevistados.

A dissertação está estruturada da seguinte forma:

No primeiro capítulo apresento os autores que foram meus “parceiros”, com quem dialoguei ao longo do trabalho, bem como as pesquisas mais recentes sobre a profissão docente, o bem-estar ou o mal-estar do professor e a construção de identidades e saberes desses profissionais do ensino. Apresento também a relevância de minha proposta de pesquisa.

No segundo capítulo, descrevo o percurso e desenho e objetivos da pesquisa. Faço, em seguida, um relato sobre os sujeitos da pesquisa e sua seleção e exponho as dificuldades que surgiram durante a mesma.

No terceiro capítulo, apresento algumas das constatações da pesquisa, divididas em quatro grandes seções. A primeira trata da socialização profissional e das trajetórias docentes. Nessa primeira parte analiso as descobertas e considerações sobre a opção pela profissão docente, a formação inicial, as carreiras dos docentes e a construção de saberes ao longo de sua trajetória. Numa segunda parte, analiso as concepções dos professores sobre a função docente na sociedade hoje e o que entendem por ensino, como uma hipótese de que as mesmas têm interferência direta tanto sobre seu bem-estar, como sobre seu entusiasmo e seu sentimento de realização profissional, de fazer “a diferença”. Numa terceira parte, relaciono os fatores que contribuíram para facilitar ou dificultar o percurso e trabalho dos professores, relacionando-os com pesquisas anteriores. Fecho esse capítulo analisando as percepções dos professores sobre como se encontram em relação à profissão hoje, sobre mudanças e permanências ao longo de suas carreiras, relacionado-as a ideias dos autores com quem dialoguei.

Por fim, sintetizo, nas considerações finais, as descobertas deste estudo, relacionando-as às questões apresentadas na Introdução. Além disso, apresento as limitações desta pesquisa e sugiro estudos posteriores.